

Variação em legendas de filme traduzidas: a representação da fala de personagens pertencentes a grupos socialmente desprestigiados

Variation in translated movie subtitles: the representation of the speech of characters belonging to socially underprivileged groups

Tiago Pereira Rodrigues¹
Cristine Gorski Severo²

Abstract: This analysis of some translations in movie subtitles from a speech and writing variation approach allows us to consider linguistic and ideological specificities of stigmatized groups in the translation process. As the work of professional people in translation of subtitles has shown us, it is verified that previous knowledge about linguistic variability and about intercultural issues which permeate it is not required from them in order to perform their work. Thus, it is believed that this article can provide subtitling companies and professional people in translation of subtitles with the acknowledgement of linguistic variability, as well as its sociocultural context, so that they can consider them in the translation of subtitles.

Keywords: Linguistic Variation; Sociolinguistics; Audiovisual Translation; Subtitling.

¹ Aluno do quarto ano de Licenciatura Plena em Letras - Português e Inglês na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. E-mail: tiago_hpotter@yahoo.com.br.

² Professora vinculada ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. E-mail: crisgorski@gmail.com.

Resumo: A presente análise de traduções de legendas filmicas a partir de uma abordagem de variação na fala e na escrita permite que se considerem as especificidades linguísticas e ideológicas da linguagem oral de grupos estigmatizados e suas respectivas condições socioeconômicas e culturais no processo tradutório. Conforme vem nos mostrando o trabalho dos legendistas, verifica-se que não lhes é exigido conhecimento prévio da variabilidade linguística e das questões interculturais que a permeiam para a realização de seu trabalho. Assim, acredita-se que este artigo possa proporcionar às empresas legendadoras e aos profissionais em tradução de legendas o reconhecimento da variabilidade linguística, bem como seu contexto sociocultural, de modo que possam considerá-los na tradução de legendas.

Palavras-chave: Variação Linguística; Sociolinguística; Tradução Audiovisual; Legendagem.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo geral discutir certas práticas de tradução de legendas e dublagens fílmicas a partir de uma descrição panorâmica de escolhas linguísticas feitas na língua-alvo (português brasileiro) que não consideram especificidades linguísticas, discursivas e ideológicas da língua de partida (inglês norte-americano). Parte-se do pressuposto teórico de que as línguas mudam segundo regras variáveis, conforme proposto inicialmente por Weinreich, Labov e Herzog (1968), instaurando a heterogeneidade como traço constitutivo dos sistemas linguísticos. Este texto apresenta, inicialmente, uma discussão teórica geral que localiza o trabalho na interface entre dois campos de saber: os estudos de variação e mudança das línguas, conforme a sociolinguística laboviana, e os estudos da tradução audiovisual. Na sequência, a título de ilustração do objetivo proposto, serão descritas de forma comentada algumas escolhas linguísticas feitas pelos tradutores na construção da legenda e da dublagem do filme *Escritores da Liberdade*. Tal seção apresentará de forma sistematizada alguns exemplos que ratificam o argumento aqui proposto, de que as variedades linguísticas da língua de partida e de chegada não compartilham os mesmos significados sociais,

identitários e ideológicos em ambas as culturas linguisticamente representadas. Por fim, proceder-se-á à conclusão.

Uma das motivações para a realização deste trabalho¹ está no fato de que a prática tradutória dos legendistas - tradutores de legendas de filme - vem nos mostrando monitoramento ou resistência em relação à transposição de certos traços da oralidade presentes na fala de personagens em situações interculturais desprivilegiadas para as legendas, como é o caso de determinados léxicos, expressões e construções sintáticas, entre outros. Este trabalho pretende problematizar essa resistência a partir da descrição e análise do apagamento de certos traços da oralidade, os quais serão ilustrados e comentados, fato que geralmente ocorre em prol do uso da norma padrão brasileira, entendida como uma norma estabilizada, que inclui “em sua codificação, um processo de relativo apagamento de marcas dialetais muito salientes. É por aí que a norma-padrão se torna uma referência supra-regional e transtemporal” (FARACO, 2002, P. 42).

Argumenta-se a favor da ideia de que o apagamento de traços típicos da fala de certos grupos sociais no processo tradutório resulta no apagamento de aspectos de suas respectivas culturas e condições sociais. Assim, neste artigo, defende-se que o apagamento de alguns traços da oralidade de certos grupos sociais não é algo casual ou menor, mas implica o apagamento ideológico de aspectos da cultura dos mesmos, uma vez que cultura, língua e identidade estão intrinsecamente relacionadas e que, então, esses fatores são essenciais para a caracterização cultural e socioeconômica dos personagens.

Acredita-se que os legendistas não tenham a intenção explícita de demonstrar ou reforçar preconceito contra a fala de personagens provenientes de estratos sociais desprestigiados, cuja transcrição da fala é alvo bastante forte da normatização aplicada por esses profissionais. Na verdade, tal atitude se deve ao fato de que atualmente as empresas legendadoras não

¹ Trata-se de resultados oriundos da pesquisa de iniciação científica intitulada *Variação em legendas de filme traduzidas: a representação da fala de personagens pertencentes a grupos socialmente desprestigiados*, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (2011/21097-7), realizada pelo aluno Tiago Pereira Rodrigues, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Cristine Gorski Severo.

exigem que os profissionais em tradução de legendas tenham conhecimento teórico sobre a variação das línguas e os aspectos socioculturais que a permeiam para a realização de seu trabalho - o que é um problema, porque os legendistas acabam representando o outro como lhes convém, reforçando, muitas vezes, ideias estereotipadas e etnocêntricas (SOUSA, 2008).

Conforme se lê em LANZETTI, BESSA, GUEDES, FREITAS e MOURA (2009), algumas agências que prestam serviços de tradução para dublagem e legendagem oferecem aos tradutores manuais com regras estritas que discorrem sobre o uso de palavras de baixo calão e coloquialismos. Com isso, percebe-se uma resistência por parte dessas agências, consideradas aqui como instâncias reguladoras de discursos, em considerar alguns fenômenos típicos da língua, especialmente em sua modalidade oral.

Assim, o apagamento dos traços linguísticos que agem como marcadores identitários e culturais implica no fato de que o trabalho dos legendistas se apoia em uma concepção abstrata, normativa e reducionista de língua. Diferentemente desses legendistas e dessas empresas, este artigo considera

a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. (BAKHTIN, 1998, p. 81).

Desse modo, entender a cultura é entender a língua, uma vez que os sentidos daquilo que é dito são estabelecidos conforme os valores, os princípios e os pontos de vista compartilhados por um mesmo grupo de falantes.

LABOV (2008) define a variação linguística - de natureza social e/ou estilística - como a possibilidade de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade, de diferentes maneiras. Isso significa que, embora as variantes linguísticas tenham o mesmo sentido referencial, o sentido expressivo é diferente. Tal sentido opera como um dos lugares de

representação cultural e identitária, uma vez que lida com a dimensão avaliativa materializada nos usos linguísticos. Logo, a escolha da variedade linguística para representar a língua de partida produz implicações sobre o processo de interpretação dos sentidos e de construção de um imaginário social sobre os falantes.

Acredita-se que, através das legendas, seja possível explicitar ao público a diversidade de uma língua e as marcas socioculturais que determinada variedade carrega em função do grupo ao qual remete. Porém, para que os legendistas possam veicular nas legendas os traços típicos do modo de falar de quaisquer personagens (não somente dos grupos de prestígio), é necessário que assumam esse novo ponto de vista acerca da linguagem, em que as estruturas linguística e social são vistas como correlacionadas (LABOV, 2008).

Com relação à teoria da tradução, alguns teóricos concebem a prática como uma traição. Todavia, segundo GRAÇA (2002), tal teoria é improdutiva, porque, se fosse verdadeira, não haveria possibilidade de comunicação entre diferentes culturas. De fato, sabe-se que não existe total equivalência entre as palavras de diferentes dialetos e idiomas, porque cada cultura concebe as coisas do mundo sob diversos pontos de vista.

Na tentativa de representar a cultura de partida em uma cultura de chegada por meio da tradução de variantes e variedades linguísticas, muitas vezes os tradutores não encontram um equivalente ideal na língua de chegada que possa expressar certo conceito proveniente da língua de partida, o que requer que façam usos de empréstimos/estrangeirismos, decalques, aclimações, neologismos, transposições semânticas ou notas esclarecedoras (IWASSA, 2007), sendo estas últimas inadmitidas pelas legendas, o que é uma barreira com a qual o legendista precisa lidar. Além disso, IWASSA (2007) afirma que, embora haja casos em que a tradução se torna difícil, ela não é impossível de se realizar, dadas as visões de mundo de povos diferentes.

Aliás, a equivalência parcial de significado permite aos legendistas

usar outras estratégias técnicas de tradução que consideram a sobreposição do conteúdo sobre a forma. Contudo, esse profissional deve saber até que ponto o privilégio do conteúdo não atrapalhará a caracterização dos personagens. Ele nunca deve perder de vista o modo de falar dos mesmos (BARROS, 2006), sobretudo daqueles que provêm de grupos socialmente marginalizados. O fator estilístico é, pois, uma forma de identificar o grupo ao qual determinado falante pertence e/ou a condição social deste.

Trazendo essas preocupações concernentes ao trabalho de tradução para a realidade linguística, é importante reiterar que o sentido de uma palavra não é fixo ou imutável. De acordo com BAKHTIN (2006), o âmbito dos sentidos extrapola a definição dicionarizada: compreende-se a língua em uso. O falante, em dado contexto social de interação verbal, age sobre a língua, fazendo uso dos recursos que o sistema linguístico lhe oferece, a fim de satisfazer suas necessidades enunciativas, atribuindo ao que diz valores ideológicos, culturais e políticos. A cada ato de fala, nuances ideológicas são materializadas nas palavras, conforme as intenções e emoções dos sujeitos nos contextos socioideológicos de comunicação verbal. Assim, o que está em jogo na tradução não é simplesmente a representação linguística e dicionarizada de uma língua, mas os enunciados e os sentidos ideológicos que emergem em dado contexto interacional. Nas palavras de BAKHTIN (2006: 96):

Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística.

O que se pretende reafirmar com este artigo é que, se dado personagem fala de acordo com a variedade de prestígio, requer-se a adoção das características dessa variedade para representar sua fala na língua de chegada. Por outro lado, se outro personagem revela linguisticamente variantes estigmatizadas, requer-se a consideração dessas especificidades nas estratégias utilizadas para a tradução de legendas. Por isso, é necessário

que a prática da legendagem se torne crítica no que concerne à seleção de dada variante ou variedade linguística na língua-alvo no processo de tradução, especialmente em filmes cujos personagens são afetados por caracterizações socioeconômicas e interculturais.

Cada personagem é linguisticamente caracterizado com a finalidade de se produzir diferentes efeitos de sentido. Assim, o uso de diferentes variedades linguísticas tem implicações fortes na construção da imagem do personagem e, por conseguinte, para a veiculação de estereótipos linguísticos.

Por um longo tempo, evidenciou-se pouco interesse por parte de centros educacionais e de pesquisadores em fazer estudos na área de Tradução Audiovisual. DÍAZ-CINTAS (2004) justifica essa falta de interesse, afirmando que às legendas não se atribuiu por muito tempo o mesmo valor que algumas traduções sempre receberam, como, por exemplo, ocorreu com a supervalorização da tradução da Bíblia e dos clássicos da literatura em detrimento de outros textos.

Ademais, a Tradução Audiovisual é um campo relativamente novo, interdisciplinar, que vem abrindo espaços para o desenvolvimento de novos projetos. Assim, este trabalho visa a contribuir criticamente para o desenvolvimento de estudos concernentes a essa área, no que diz respeito à consideração do contexto sociolinguístico e intercultural constitutivo de processos de variabilidade linguística.

Constantemente nas escolas, inclusive na própria sociedade em geral, houve - e ainda há - a mentalidade de que há só uma maneira de falar corretamente, subjacente ao ideário da norma padrão, conforme já citado. Muitos adeptos desse pensamento sustentam que as variantes e variedades linguísticas não passam de deturpações da língua, o que, logicamente, é uma inverdade. Trata-se de um pensamento sustentado principalmente por ideologias oficiais e conservadoras, que têm o intuito de se sobrepôr à diversidade cultural, discursiva e linguística, conforme observado por Faraco (2002: 46): "O que os linguistas efetivamente vêm combatendo é o caráter

excessivamente artificial do padrão brasileiro; é a concepção do padrão como uma camisa-de-força e todos os preconceitos daí advindos". É, em última instância, um tipo de valoração que reverbera a ideologia da língua única (BAKHTIN, 1998). Exemplo típico desta postura foi a famosa polêmica, ocorrida em 2011, em torno da explicitação de variantes populares em uma série de livro didático destinada ao EJA, cujo dossiê completo pode ser acessado no portal do Ministério da Educação.

Ainda que indiretamente, acreditamos que este trabalho funcione como um veículo de percepção mais crítica da correlação entre línguas, discursos, culturas, identidades e realidades, reforçando a ideia de que na língua não existe o certo e o errado, mas variações e heterogeneidade (WEIREICH, LABOV e HERZOG, 2006; CASTILHO, 2009). Um dialeto, por mais que possa se distanciar da norma padrão, não deve ser considerado como uma deturpação da língua. É, na verdade, a prova de que ela, assim como a sociedade, se transforma, pois diversos fatores, como já mencionado, agem sobre seu funcionamento. Além do mais, não é aceitável afirmar que uma pessoa que não teve oportunidade de acesso ao ensino, dadas suas condições socioeconômicas, fale errado em relação àqueles que o tiveram. Trata-se, na verdade, de usos linguísticos diferenciados cujo funcionamento existe e é valorado por uma realidade ideologicamente hierarquizada e estratificada.

Conforme aponta SOARES (2001), apesar de o trabalho tanto de legendistas quanto de dubladores ser uma atividade que se encontra em uma área de maior alcance ao público, é pouco reconhecido, sendo às vezes difamado e criticado. Por isso, este trabalho pretende contribuir para a formação sociolinguística e crítica dos profissionais em legendagem.

A seguir, pretendemos problematizar a prática limitadora em relação à consideração do contexto sociolinguístico e intercultural de certas variedades e variantes através da descrição analítica de algumas escolhas linguísticas presentes nas legendas e na dublagem do filme *Escritores da liberdade*.

2. Comentários críticos sobre as legendas e a dublagem do filme *Escritores da liberdade*

O filme é baseado em uma história real que se passa em 1994, na cidade de Los Angeles, onde Erin Gruwell começa a lecionar Língua Inglesa e Literatura no primeiro ano do ensino médio do Colégio Wilson, o qual é marcado por relações preconceituosas e pela tensão racial. Ao se deparar com alunos desinteressados pelas aulas e cuja vida é ou foi marcada por conflitos sociais e familiares, pela pobreza e pela violência, a professora adota novos métodos de ensino que visam à expressividade e ao desabafo dos alunos, à troca de suas experiências e à necessidade de tolerância mútua.

Sucintamente, um olhar comparativo sobre a presença de marcas da oralidade na legendagem e na dublagem do filme demonstra que a dublagem incorpora mais traços da oralidade do que as legendas, fato que serviu de auxílio para ilustrar quais traços da oralidade foram recusados nas legendas. Tal apagamento sinaliza avaliações e estereótipos sobre a língua por parte dos legendistas.

Para a sistematização dos dados e realização das discussões, são apresentados dois quadros: o primeiro mostra alguns traços da oralidade que se encontram nas legendas, e o segundo mostra alguns traços da oralidade encontrados na dublagem e que não foram incorporados nas legendas. Com relação ao último quadro, tem-se o exemplo: *“Dexa rolar” para “Deixa para lá.”*. É importante explicar que o primeiro enunciado corresponde à dublagem, e o segundo ao que aparece na legenda.

Embora os quadros sejam relativamente longos, acreditamos que eles se tornam necessários para ilustração e discussão posteriores de alguns fenômenos linguísticos aqui apresentados.

Tais quadros são apresentados a seguir:

Itens linguísticos presentes nas legendas	Exemplos
Emprego do pronome pessoal <i>a gente</i> .	<p>"A gente podia sentir."</p> <p>"Não acredito que a Dona G. fez tudo isso pela gente."</p>
Emprego da forma <i>pra</i> , redução da preposição <i>para</i> .	<p>"Eu os levei pra casa."</p>
Uso de algumas gírias e outras expressões.	<p>"Beleza?"</p> <p>"Mano"</p> <p>"Que merda!"</p> <p>"Saco!"</p> <p>"Crioulo."</p> <p>"Cale a boca."</p> <p>"Tá legal!"</p> <p>"Qual é o lance?"</p> <p>"Preciso cair fora daqui."</p> <p>"É um 'foda-se' para mim."</p> <p>"Vou te encher de porrada, moleque."</p> <p>"O pessoal desta sala parece um bando de maloqueiros de um seriado de segunda."</p> <p>"Desde que meu pai vazou, minha mãe não me olha porque pareço com ele."</p>
Verbo no pretérito imperfeito do indicativo com valor de futuro do pretérito.	<p>"Com sua capacidade, podia dirigir uma grande empresa."</p> <p>"Queria saber quando ia perder aquele maldito sorriso."</p> <p>"Devia ter pedido algo mais barato no Natal."</p>

RODRIGUES, T. P.; SEVERO, C. G. - Variação em legendas de filme traduzidas: a representação da fala de personagens pertencentes a grupos socialmente desprestigiados

<p>Perífrase “<i>ir</i> no presente do indicativo + verbo no infinitivo” com valor de futuro do presente.</p>	<p>“Vou te encher de porrada, moleque.”</p> <p>“Vai desperdiçar seu talento com gente que não está nem aí com a educação.”</p> <p>“Eu não vou te respeitar só porque te chamam de professora.”</p>
<p>Emprego do verbo <i>ter</i> no sentido de <i>haver</i>, <i>existir</i>.</p>	<p>“Tem espaço.”</p> <p>“Tem mais alguém com quem posso falar a respeito?”</p>
<p>Emprego do verbo <i>lembrar</i> regido apenas pela preposição <i>de</i>, sem o pronome oblíquo <i>se</i>.</p>	<p>“Não vão mais lembrar de você.”</p>
<p>Omissão de objeto direto.</p>	<p>“Não devolvem.”</p> <p>“Também posso levar até sua tia, se ficar tarde demais.”</p> <p>“Nós não iremos esquecer.”</p>
<p>Emprego do pronome pessoal <i>você</i> com função de objeto direto em período simples.</p>	<p>“Odeio você.”</p>
<p>Emprego da próclise em início de oração.</p>	<p>“Se cuidem.”</p> <p>“Nos matamos por raça, orgulho e respeito.”</p> <p>“Me avise quando eu puder escovar os dentes.”</p>
<p>Verbo <i>chegar</i> regido pela preposição <i>em</i>.</p>	<p>“É tarde quando chego em casa.”</p>
<p>Emprego da forma <i>né?</i>.</p>	<p>“Certo, que pergunta burra, né?”</p>

Itens linguísticos que não foram incorporados nas legendas	Exemplos que ilustram a passagem da dublagem para a legenda
Redução do ditongo decrescente /eɪ/ para /e/ diante da consoante fricativa alveopalatal desvozeada (/ʃ/), representada pelo grafema X ² .	"Dexa rolar." para "Deixa para lá."
Redução do ditongo decrescente /ou/ para /o/ em coda silábica.	"Ficô loco?" para "Ficou louco?" ³
Queda do -r final de formas verbais no infinitivo.	"Quando é que a tia ia perdê esse sorrisinho?" para "Queria saber quando ia perder aquele maldito sorriso." "... eu corro o risco de levá bala." para "... corro o risco de levar um tiro."
Queda do -s final de formas verbais na primeira pessoa do plural.	"Vamo sentá aqui." para "Vamos sentar aqui."
Eliminação do plural redundante, marcado apenas nos determinantes.	"... as mão no cofre." para "... as mãos no cofre." ⁴
Emprego da forma <i>pro</i> , redução de <i>para o</i> .	"Me levaram pro reformatório." para "Fui levado para o reformatório."
Formas reduzidas do verbo <i>estar</i> ⁵ .	"O branquelo tá torcendo pra tá na sala errada." para "O branco está torcendo para estar na sala errada." "Maluco, que que eu tô fazendo aqui?" para

² A terminologia e os símbolos referentes à Fonética e Fonologia utilizados neste trabalho se baseiam na Associação Fonética Internacional (AFI), ou *International Phonetical Association (IPA)*, bem como nos estudos de SILVA (2009).

³ No áudio original, a personagem fala "*Are you tripping?*", que foi traduzido para "Está viajando?" na legenda.

⁴ No áudio original, o personagem fala "*Look, homey, I'll beat that ass, homeboy.*", que foi traduzido para "Vou te encher de porrada, moleque." na dublagem.

⁵ Embora a forma *tá* apareça pouquíssimas vezes nas legendas, como por exemplo, em "Tá legal!", as formas canônicas do verbo *estar* prevalecem.

RODRIGUES, T. P.; SEVERO, C. G. - Variação em legendas de filme traduzidas: a representação da fala de personagens pertencentes a grupos socialmente desprestigiados

	<p>"Cara, o que estou fazendo aqui?"</p> <p>"O cara que tava com ele confessou." para "O cara que estava com ele confessou."</p>
Duplicação do pronome interrogativo <i>que</i> .	<p>"Maluco, que que eu tô fazendo aqui?" para "Cara, o que estou fazendo aqui?"</p> <p>"Que que é isso?" para "O que é isso?"</p>
Verbo no pretérito imperfeito do indicativo com valor de pretérito imperfeito do subjuntivo.	"Eu pensei que você queria." para "Achei que ainda quisesse."
Verbo <i>levar</i> regido pela preposição <i>em</i> , a qual, nesse caso, assume o mesmo sentido de <i>para, até</i> .	"E eu estava esperando o meu pai me levar no ônibus." para "Eu estava esperando meu pai me levar até o ônibus."
Emprego do pronome pessoal <i>você</i> como índice de indeterminação de sujeito.	"Quando você morre pela sua gente, você morre com respeito, morre como guerreiro." para "Ao menos quando se morre pelos seus, morre-se com respeito, feito guerreiro."
Emprego de pronome pessoal do caso reto com função de objeto direto em período simples.	"Recompensamos eles." para "Nós os recompensamos." "Eu sabia que podia proteger ele." para "Sabia que podia protegê-lo."
Sujeito de oração reduzida contraído com preposição.	"Antes deles virem para cá." para "Antes de eles virem para cá."

Nota-se que os traços da oralidade encontrados nas legendas e na dublagem existentes nas falas dos personagens desse filme, no que diz respeito à língua portuguesa, pertencem ao vernáculo geral brasileiro (BAGNO, 2007). Nesse filme, grande parte dos personagens é formada por estudantes negros provindos de comunidades socialmente desprestigiadas. Há

personagens brancos, que também são estudantes e que pertencem a este mesmo estrato social.

Ainda que alguns traços da oralidade tenham sido reproduzidos pelas legendas, nota-se a forte presença do uso da norma padrão, tal como se descreve sucinta e esquematicamente nos parágrafos subsequentes.

Apesar de, em algumas legendas, o imperativo ser formado associadamente ao indicativo, nota-se o uso frequente do imperativo associado ao subjuntivo. Conforme aponta SCHERRE (2006), identifica-se no português brasileiro (doravante PB) a função de imperativo associada ao presente do indicativo (por exemplo: *fala, escreve, abre e transpõe*) e ao presente do subjuntivo (por exemplo: *fale, escreva, abra e transponha*), em contextos em que há a alternância dos pronomes *tu* e *você* (tal alternância está presente na fala dublada do filme em questão). De acordo com a autora, há casos em que o imperativo associado ao indicativo parece estranho aos falantes brasileiros por se aproximar do português europeu (doravante PE), o que não impede seu uso e aceitação no PB em determinados casos. Embora a formação do imperativo seja condicionada pela variação diatópica, isto é, embora predominem as formas indicativas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste e as formas subjuntivas nas regiões Norte e Nordeste (BAGNO, 2007), há a correlação entre tais formas em todas as regiões.

Ainda com relação ao imperativo, conforme é mostrado no quadro abaixo, além de ser feito uso do imperativo associado ao subjuntivo em dois trechos das legendas, emprega-se a ênclise. O uso desta contribui para a construção de uma imagem de formalidade nos trechos em questão. Já, conforme se percebe nos trechos da dublagem, eles foram mais verossímeis com a representação de uma situação informal, na medida em que o verbo *acalmar* foi substituído pela forma sintagmática *fica calma* no primeiro trecho.

RODRIGUES, T. P.; SEVERO, C. G. - Variação em legendas de filme traduzidas: a representação da fala de personagens pertencentes a grupos socialmente desprestigiados

Áudio original	Legenda	Dublagem
"Honey, just calm down."	"Acalme-se, meu bem."	"Meu amor, fica calma."
"Sit down."	"Sente-se."	"Senta."

Apenas a forma reduzida *pra*, referente a *para*, foi incorporada em algumas legendas, ao passo que a forma *pro* não foi usada. Por outro lado, conforme se constata no uso, *pra* e *pro* tendem a ser mais utilizados na oralidade do que suas respectivas formas canônicas.

Prevalece nas legendas, também, a explicitação de objetos pronominais. Por outro lado, de acordo com ILARI & BASSO (2007), tanto as variedades culta como não culta do PB compartilham a tendência de omitir pronomes átonos em posição de objeto. No caso da variedade não culta, usam-se também os pronomes do caso reto com função de objeto direto.

Outro fenômeno recorrente nas legendas é o uso do sujeito elíptico. Contudo, esse tipo de sujeito, também conhecido como sujeito desinencial, sujeito nulo ou sujeito oculto, é menos comum no PB do que no PE. É tendência, pois, explicitar o sujeito pronominal na fala culta e popular do PB, de acordo com MARINS (2009). Provavelmente, tal tendência se deve ao fato de que, no PB atual, o número das formas verbais conjugadas passou de seis para quatro: enquanto no passado eram usadas formas verbais distintas para os pronomes *eu*, *tu*, *ele/ela*, *nós*, *vós*, *eles/elas*, atualmente são usadas no PB, de modo geral, uma forma verbal para *eu*, outra para *tu/você*, *a gente* e *ele/ela*, outra para *nós* e outra para *vocês* e *eles/elas*. Como atualmente usa-se uma mesma forma verbal para os pronomes *tu/você*, *a gente* e *ele/ela*, os quais se referem a diferentes pessoas gramaticais, respectivamente, vem sendo necessária a explicitação do sujeito pronominal no PB.

Sobre o apagamento de traços típicos da oralidade, a frase "*Just leave it alone*" foi traduzida para "Deixa para lá" na legenda e para "Dexa para lá" na dublagem. Considerando a palavra *deixar*, em contextos informais de fala, é comum a monotongação de /eɪ/ para /e/, visto que, como o *glide* /ɪ/ e a

consoante que o sucede, X, pronunciada no caso como [ʃ], têm, em suas pronúncias, o mesmo ponto de articulação, a região alveopalatal, tal *glide* tende a se assimilar à consoante, sendo omitido.

É comum também a monotongação de /ou/ para /o/ tanto em final de sílaba quanto em final de palavra, em situações informais de fala. Com relação à frase “Ficô loco?”, tradução de “*Are you crazy?*”, ela aparece na fala da professora Erin em uma situação informal. Por outro lado, na legenda aparece a frase “Está viajando?”, tradução de “*Are you tripping?*”, que aparece no áudio original. Com isso, percebe-se que a variação encontrada na fala de personagens pertencentes a estratos socialmente prestigiados, em contextos informais de fala, muitas vezes é também desconsiderada nas legendas devido à grande atenção que se dá à norma padrão da língua portuguesa em contextos de escrita. Nota-se que “*Are you tripping?*” está de acordo com a norma padrão da língua inglesa, o que não significa que a tradução para o português tenha que estar de acordo com a mesma norma, porque o que varia em dada língua pode não variar em outra. Portanto, é recomendável também que se considere, no exercício tradutório, o contexto imediato de fala do personagem, pois ele produz efeitos sobre a forma de materialização dos enunciados.

Um traço morfossintático bastante aceito na dublagem e recusado nas legendas refere-se à marcação de plural apenas no determinante (artigos, pronomes demonstrativos, etc.) do sintagma nominal, fenômeno bastante estigmatizado no PB. Assim, a única ocorrência desse fenômeno é vista em “Eu vou te metê as mão no cofre”, tradução de “*I’ll beat that ass, homeboy*”, que aparece como “Vou te encher de porrada, moleque” na legenda. Apesar de a eliminação do plural redundante ser muito estigmatizada, ela faz parte da variedade popular da língua portuguesa (NARO & SCHERRE, 2007), embora como traço marcante de uma variedade estigmatizada. Assim, defende-se neste trabalho a perspectiva sociolinguística de que a língua é rica em estruturas que variam e diferem de uma cultura para outra e que o

apagamento das marcas dessa variação ilustra também um apagamento de traços culturais, ideológicos e identitários.

Fazendo uso do exemplo do parágrafo anterior para comentar o apagamento/controlado de léxico, apesar de *"I'll beat that ass"* ter como tradução literal no português "Eu vou bater nessa bunda", percebe-se que a omissão da palavra *bunda* tanto na dublagem quanto nas legendas se dá, sobretudo, por questões de censura. Por outro lado, as únicas palavras de baixo calão aceitas nas legendas foram *foda-se*, dita pela professora Erin em uma situação informal de fala, e *merda*, as quais foram substituídas, respectivamente, por *dane-se* e *droga* na dublagem. Com relação a palavras de baixo calão, segundo XAVIER (2009), elas se referem a um tipo de linguagem, conhecida como linguagem tabu, a qual, por ter uma conotação negativa e desprestigiante em sociedade, torna-se um aspecto um tanto polêmico com o qual os legendistas têm que lidar.

Sobre a construção estilística de dada identidade, comparando a tradução de *"Man, what am I doing in here?"* da legenda com a da dublagem, que naquela aparece como "Cara, o que estou fazendo aqui?" e nesta como "Maluco, que que eu tô fazendo aqui?", percebe-se que houve uma preocupação por parte da dublagem em manter o modo como o personagem, que no caso é um sujeito pertencente a um estrato social desprestigiado e falante de uma variedade específica do inglês (o inglês vernacular afroamericano, conhecido popularmente como *Black English*), faz uso de certas palavras, ao passo que a legenda apagou esse estilo de fala, na medida em que se ateu à norma padrão. Ambas as frases, "Cara, o que estou fazendo aqui?" e "Maluco, que que eu tô fazendo aqui?", têm o mesmo significado; porém, o modo como a segunda foi escrita - uso de *maluco* em vez de *cara*, duplicação do pronome interrogativo *que* e opção pela forma reduzida *tô* - caracteriza não apenas o modo de falar do personagem, mas também o grupo social em que ele está inserido. Por outro lado, "Cara, o que estou fazendo aqui?" não apresenta o mesmo grau de informalidade da frase que aparece na legenda. Ainda que *"What am I doing here?"* seja uma frase

em inglês que está escrita de acordo com a norma padrão dessa língua e seja utilizada tanto em situações formais quanto informais, não significa que seu correlato em português, dependendo da situação, seguirá a mesma norma. Já com relação à palavra *man*, ela, com função de vocativo, faz-se muito presente no inglês vernacular afroamericano. Com relação às traduções, percebe-se que, em posição de vocativo, *cara* não apresenta o mesmo grau de informalidade que *maluco*, embora aquele termo seja mais usado em contextos informais brasileiros do que este, conforme se evidencia em diversos filmes e novelas que ilustram o uso de gírias.

Sobre o fenômeno da dupla negação, de acordo com IWASSA (2007), ela é um aspecto linguístico comumente encontrado no inglês vernacular afroamericano. Tal característica, por exemplo, está na frase "*It ain't nothing else*", que foi traduzida para "Não tem nada demais" na legenda em português. De acordo com MATSUOKA & GUEDES (2005), a dupla negação é uma construção legitimada na língua portuguesa, sendo encontrada até em textos literários, ao passo que a norma padrão da língua inglesa rejeita esse tipo de construção. Assim, percebe-se que determinada construção que é facilmente encontrada em dada língua pode ser rejeitada pela norma padrão de outra e que o que não é estigmatizado em dada língua pode ser estigmatizado em outra. Isso se deve ao fato de que cada grupo de pessoas, com culturas e pensamentos diferentes, enxerga o mundo, inclusive a língua, de maneiras diferentes, atribuindo valores distintos para as construções feitas em suas respectivas línguas, determinando o que pode ser aceito e o que não pode ser aceito.

Sobre a construção de frases interrogativas e da entonação interrogativa, com base no quadro abaixo, faz-se a seguinte discussão: sabe-se que, segundo a norma padrão da língua inglesa, frases interrogativas devem ser iniciadas com verbos auxiliares, dependendo do modo, do tempo e da pessoa verbais utilizados, enquanto o verbo principal deve estar em sua forma infinitiva sem o acompanhamento da forma *to*. Diferentemente do que propõe a norma padrão do inglês, em situações mais informais de fala, é

comum os falantes dessa língua manterem a frase em sua forma afirmativa, fazendo uso apenas do ponto de interrogação e da entonação para fazerem uma pergunta, o que indica variação linguística. Por outro lado, tal regra estabelecida pela norma padrão do inglês não existe em português. Nesta língua, frases afirmativas e interrogativas têm a mesma forma, diferenciando-se apenas pela entonação e pelos pontos que as encerram. Assim, constata-se que o que indica variação em uma língua pode não ser variação em outra. Isso reitera o fato de que cada língua tem suas próprias especificidades.

Áudio original	Legenda	Dublagem
"And you all think you're gonna make it to graduation like this?"	"Vocês todos acham que vão se formar pensando assim?"	"E vocês acham que vão conseguir se formar desse jeito?"

Especificamente sobre o inglês vernacular afroamericano, o período em inglês do quadro abaixo tem um traço típico dessa variedade linguística, que consiste no uso do pronome pessoal *you* como um pronome impessoal. No PB, tal fenômeno também acontece com o pronome *você*. Conforme se lê em DUARTE, KATO & BARBOSA (2003), *você* e *a gente* são mais usados no PB como índice de indeterminação de sujeito, ao passo que no PE, o pronome oblíquo *se* é mais frequente em contextos de sujeito indeterminado. A legenda se apresentou de modo formal ao fazer uso de *se*, apagando o traço de informalidade presente na fala de um personagem negro, enquanto a dublagem foi mais verossímil ao fazer uso de *você*. Provavelmente, preferiu-se na legenda o pronome *se* em vez de *você* ou *a gente* devido às normas da legendagem⁶.

⁶ De acordo com SOARES (2001), o profissional em tradução de legendas precisa seguir vários procedimentos técnicos de tradução, de modo a construir um texto sucinto com um número máximo de informações. Reconhece-se perfeitamente essa necessidade, uma vez que o público precisa ter tempo, após ler as legendas, para captar as mensagens transmitidas por outras partes do ambiente audiovisual. Conforme propõe GOTTLIEB (1998), além da fala dos personagens, a trilha sonora, as imagens e os escritos em placas, jornais, etc. presentes nos

Áudio original	Legenda	Dublagem
"At least, when you die for your own, you die with respect, you die a warrior."	"Ao menos quando se morre pelos seus, morre-se com respeito, feito guerreiro."	"Quando você morre pela sua gente, você morre com respeito, morre como guerreiro."

Nesta seção foram apresentados e discutidos alguns casos linguísticos de tradução presentes na legenda e dublagem do filme *Escritores da Liberdade*. Não foi o objetivo esgotar tal discussão, mas tão somente ilustrar de forma comentada, apoiando-se em estudos sociolinguísticos brasileiros, a importância de se considerar a dinamicidade da língua no processo tradutório. Algumas pesquisas apresentadas mostram um pequeno retrato do português brasileiro contemporâneo em uso. Acredita-se que tais estudos devem ser basilares na formação dos legendistas e tradutores de filmes, de forma que esses profissionais possam reconhecer a variação linguística do português brasileiro quando tomarem-no como língua utilizada para representar culturas diferentes.

3. Considerações finais

A análise das legendas e da dublagem do filme *Escritores da liberdade* demonstra um tratamento diferenciado atribuído às duas práticas tradutórias, sendo que a norma padrão da língua portuguesa é privilegiada nas legendas em detrimento do uso de certas variantes e variedades linguísticas, mesmo que tais traços linguísticos carreguem forte valorização social ou identitária.

Constatou-se que há certa uniformidade nas legendas do filme em questão, na medida em que todos os personagens, independentemente de sua

filmes são responsáveis não apenas por sua compreensão, mas também pela compreensão das legendas.

condição socioeconômica e dos contextos de fala, foram estereotipicamente caracterizados como falantes de uma mesma variedade linguística. Por outro lado, no áudio original e na dublagem, constatou-se uma maior representação da diversidade do modo de falar dos personagens.

Acredita-se que a atitude estereotípica demonstrada pelas legendas em português resulta no apagamento de características culturais de personagens de diferentes etnias, classes ou grupos sociais. Contudo, é necessário ter em mente que língua e cultura estão intrinsecamente relacionadas, uma vez que os sentidos do que é falado e sua forma de materialização são estabelecidos, sócio-historicamente, conforme os valores, os princípios e os pontos de vista compartilhados por um mesmo grupo de falantes em dado contexto sócio-histórico. Por isso, é importante considerar, no processo de tradução de legendas de filme, bem como na tradução de qualquer texto que trabalha com variantes dialetais, os estilos como os personagens falam, ainda que as legendas imponham alguns limites técnicos, já que é necessário haver um número mínimo de palavras nas legendas com um número máximo de informações, de modo que o espectador tenha tempo de, após ler as legendas, captar as mensagens transmitidas por outras partes do ambiente audiovisual, como as imagens e a trilha sonora.

Dessa maneira, esperamos ter evidenciado, a partir das análises feitas, que os processos de legendagem e de dublagem de filmes estrangeiros não devem ser considerados como um trabalho de simples transposição do código linguístico de uma língua para outra, mas devem levar em consideração, sobretudo, as especificidades sociolinguísticas e culturais das línguas em ambos os contextos. Caso contrário, as legendas e as dublagens continuariam a perpetuar estereótipos e visões preconceituosas sobre determinados grupos desprivilegiados e socialmente excluídos.

3. Filmografia

ESCRITORES da liberdade. Direção: Richard LaGravenese. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg, Stacey Sher. Hollywood: Paramount, 2007. 1 DVD (122 min), cor.

4. Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. Língua, fala e enunciação. In: *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p. 91-111.

BARROS, Livia Rosa Rodrigues de Souza. Tradução audiovisual: a variação lexical diafásica na tradução para dublagem e legendagem de filmes de língua inglesa. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Saber uma língua é separar o certo do errado?*. Artigo do Museu da Língua Portuguesa, 2009: s/nº. Disponível em http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=16. Acessado em 8 de junho de 2012.

DÍAZ-CINTAS, Jorge. Subtitling: the long journey to academic acknowledgement. *The Journal of Specialised Translation*, 2004: s/nº. Disponível em http://subtitle.agregat.net/index.php/eng_resources/iblio_more/subtitling_the_long_journey_to_academic_acknowledgement/. Acessado em 21 de junho de 2012.

DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia; KATO, Mary A.; BARBOSA, Pilar. *Sujeitos indeterminados em PE e PB*. Braga: Universidade do Minho, 2003: 1-15. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6490/3/DuarteKatoBarbosaAbralim.pdf>. Acessado em 29 de maio de 2012.

FARACO, Carlos Alberto. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

GOTTLIEB, Henrik. Subtitling. In: *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres: Editora Mona Baker, 1998: 244-248.

- GRAÇA, Aires. Cultura, tradução e vivência do significado. Artigo da Revista lusófona de humanidades e tecnologias. 2002. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rhumanidades/article/view/1457>. Acessado em 28 de setembro de 2011.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que falamos, a língua que estudamos*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- IWASSA, Hiroco Luíza Fujii. *Black English: sob a perspectiva da Sociolinguística e da tradução*. *Anais do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL*, 2007: s/nº. Dourados: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Disponível em <http://www.uems.br/cellms/2008/anais>. Acessado em 29 de maio de 2012.
- LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008.
- LANZETTI, Rafael; BESSA, Danielle; GUEDES, Fabiana; FREITAS, Rosana de; MOURA, Vinicius Cruz de. 2009. Procedimentos técnicos de tradução: uma proposta de reformulação. *Revista do ISAT*, 7: 1-20. Disponível em http://revista.isat.edu.br/?page_id=54. Acessado em 30 de setembro de 2011.
- MARINS, Juliana Esposito. *O parâmetro do sujeito nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- MATSUOKA, Azussa; GUEDES, Luciene Ferreira da Silva. Análise das construções idiomáticas negativas enfáticas: uma visão cognitivista. *Revista Gatilho*. 2005: s/nº. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/11/azussa.pdf>. Acessado em 29 de maio de 2012.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do Português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, S. J.; RONCARATI, C. (org.). *Estudos de Sociolinguística no Brasil: em homenagem a Anthony Julius Naro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007: 306-318.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- SOARES, Danielle. *Tradução para dublagem e legendagem*. Artigo da Abrates, 2001: s/nº. Disponível em <http://www.abrates.com.br/abreartigo.asp?onde=Tradu%E7%E3o%20para%20Dublagem%20e%20Legendagem.abr>. Acessado em 29 de maio de 2012.
- SOUSA, Aída Carla Rangel de. *A interculturalidade no cinema: um estudo da legendagem e da dublagem brasileiras em um filme francês*

RODRIGUES, T. P.; SEVERO, C. G. - Variação em legendas de filme traduzidas: a representação da fala de personagens pertencentes a grupos socialmente desprestigiados

contemporâneo. Dissertação de mestrado. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOH, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

XAVIER, Catarina Duarte Silva de Andrade. *Esbatendo o tabu: estratégias de tradução para legendagem em Portugal*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.